

*NAS ÁGUAS DO
TEMPO, DE MIA
COUTO: A VIOLÊN-
CIA DAS GUERRAS
E A SUBLIMAÇÃO
DA VIDA
NAS ÁGUAS DO TEM-
PO, BY MIA COUTO:
THE VIOLENCE OF
WARS AND THE SU-
BLIMATION OF LIFE*

José Pereira Filho¹
Ewerton Rezer Gindi²
Maria Madalena da Silva Dias³
Sérgio Baldinotti⁴

Resumo: O objetivo da pesquisa é, a partir da leitura do conto *Nas Águas do Tempo*, presente no livro *Estórias abensonhadas*

1 Pós-Doutorando em literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literário (PPGEL) da UNEMAT – Câmpus Universitário Prof. Eugênio Carlos Stiler de Tangará da Serra, Doutor em Sociologia pela UFSCAR e Professor Titular da Cadeira de Metodologia e Técnicas de Pesquisa da UNEMAT. E-mail: josepereiraunemat@gmail.com.

2 Professor efetivo de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Estado de Mato Grosso. Possui Doutorado em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), é membro do Grupo de Estudos CNPQ - Literatura, Ensino e Sociedade (UNEMAT) e da Rede Interdisciplinar de Pesquisa na Amazônia. Contato: ewerton.gindri@unemat.br.

3 Professora efetiva de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Estado de Mato Grosso, Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL) da UNEMAT – Câmpus Universitário Prof. Eugênio Carlos Stiler de Tangará da Serra. Integrante do Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino (UNEMAT). Contato: maria.dias@unemat.br.

4 Doutor em Ciências Políticas, Professor Titular da Cadeira de Sociologia da UNEMAT – Câmpus Universitário Prof. Eugênio Carlos Stiler de Tangará da Serra. E-mail: baldinotti@unemat.br.

(1994), do escritor moçambicano Mia Couto — que lança um olhar sobre a África a partir da realidade moçambicana marcada por profundas chagas abertas de duas guerras: uma de libertação, e, posteriormente, uma civil — elaborar uma análise cujo leitor será o sujeito ativo do processo que dará vida à produção. A tentativa é conhecer e interpretar a obra de Mia Couto, construída em um cenário de dupla guerra, buscando reconstruir a trajetória de uma nação, focando, para tanto, nas suas perspectivas futuras. Desse modo, constitui-se em um desafio navegar em ambiente de África, a partir dos mares revoltos da literatura.

Palavras-chave: Mia Couto; tradição; modernidade; reconstrução.

Abstract: The objective of the research is, based on the reading of the short story *Nas Águas do Tempo*, present in the book *Estórias abensonhadas* (1994), by the Mozambican writer Mia Couto — which takes a look at Africa from the Mozambican reality marked by deep wounds open battles of two wars: one of liberation, and, later, a civil one — to develop an analysis whose reader will be the active subject of the process that will give life to the production. The attempt is to understand and interpret the work of Mia Couto, built in a scenario of double war, seeking to reconstruct the trajectory of a nation, focusing, to do so, on its future perspectives. Therefore, it is a challenge to navigate the African environment, from the rough seas of literature.

Keywords: Mia Couto; tradition; modernity; reconstruction.

Introdução

Os mares revoltos da literatura impulsionaram-nos para a tarefa de analisar o conto *Nas Águas do Tempo*, de Mia Couto. Assim, adentramos no território africano, particularmente em Moçambique, em um contexto efervescente de luta de um povo pela sua libertação da usurpação portuguesa que, replica, ente outras, nas produções literárias.

A literatura na sua irreverência, no seu compromisso

com a semântica, na sua radicalidade crítica, na sua autonomia linguística e de linguagem, torna-se um instrumento fundamental nas discussões, análises, interpretações e leituras sobre a África, considerando o tema a ser desenvolvido.

A colonização e a exploração portuguesa em terras moçambicanas deixaram muitas chagas e fissuras que ainda continuam abertas, mesmo no pós-guerra. Persiste o trauma de uma guerra civil violenta e sangrenta em busca da consolidação de um poder local. Trata-se de uma complexidade: quer seja do ponto de vista das consequências das guerras (de libertação e civil), quer seja do ponto de vista da busca de uma identidade moçambicana, quer seja ainda pela premente necessidade de constituir um rumo para o país, que busca o seu reconhecimento e a afirmação enquanto nação. Assim, a literatura se coloca como um dos instrumentos de leitura e análise desse processo na voz dos escritores engajados, como é o caso de Mia Couto na obra em análise. Ressalta-se a importância do leitor, polo ativo do processo da construção literária que, em última instância, colabora no processo de análise e revisão histórica e literária, a partir de sua percepção e ponto de vista. Ao tecer o conto *Nas Águas do Tempo* abordando uma realidade pós-guerra em Moçambique e, por conseguinte, na África, o leitor está na centralidade da produção literária de Mia Couto, o que dá vida aos seus escritos que, em tese, é a essência literária.

Constitui um desafio, visto não ser tarefa fácil, muito menos simples, analisar os escritos de Mia Couto numa perspectiva reflexiva. Além de tratar-se de um autor consolidado como agente ativo da construção literária africana por ser moçambicano e, por conseguinte, viver aquela realidade, podemos também cometer

equívocos, tanto no processo de compreensão como de construção textual, apesar dos elementos de subjetividade estarem presentes na literatura. O ato de escrever, coloca-nos em situação de risco, na medida em que estamos expostos às críticas e às compreensões ou incompreensões dos leitores, polo ativo da construção textual e da leitura. Assim, assumimos o risco da análise, expondo-nos às críticas, como meio de ampliação das percepções e compreensões, bem como, entendendo a crítica como um instrumento autônomo presente no cotidiano das nossas vidas, que traz em si o compromisso de fertilizar e multiplicar ideias.

Importa ressaltar que a realidade moçambicana, apesar de sua diversidade e complexidade, não representa a dos países luso-africanos. O que representa e faz parte do contexto é que muitas produções literárias, como é o caso de Mia Couto, tem efeito fluidificador sobre o continente africano, face aos elementos de convergência presentes, bem como a própria percepção dos autores que extrapolam os limites territoriais de seu país de origem para uma leitura mais ampla sobre a África. Desse modo, utilizamos o espaço geográfico para o desenvolvimento textual: Moçambique ou África, respectivamente.

Nas águas do tempo: a violência das guerras e a sublimação da vida

A revelação afitiva de um homem negro que não tem uma verdade sua para viver, incomoda a poesia de Jorge Vila, mas não lhe diminui a placidez. É em José Craveirinha que encontramos a violência de uma luta contra a humilhação e, de tal modo, que o poeta se transforma em tambor. É essa violência que nos parece – metamorfoseada já em violência satírica – em Viriato da Cruz e em Agostinho Neto. Violência de afirmação que, num outro plano, fora e de Francisco José Tenreiro no

poema “Eu, de coração em África”, poema onde se reuniam todos os homens, todas as formas, todas as cores, todos os continentes para devolverem ao homem de coar a consciência da beleza da sua pele, orgulho nos movimentos coloridos que traça a todo o momento no ar gris da cidade” (Margarido, 1980. p. 38).

O conto *Nas Águas do Tempo*, de Mia Couto, deve ser analisado no contexto da África, visto que é escrito a partir daquela realidade: violência do processo de colonização, luta revolucionária pela libertação e de um pós-revolucionário marcado por guerras internas entre grupos que buscam se estabelecer no poder. Assim, trata-se de uma realidade de absoluta violência.

Os escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo, portanto, trazem dentro de si o passado – como cicatrizes de feridas humilhantes, como uma instigação a práticas diferentes, como visões potencialmente revistas do passado que tendem para um futuro pós-colonial, como experiências urgentemente reinterpretáveis e revivíveis, em que o nativo outrora silenciado, fala e age em território tomado do colonizador, como parte de um movimento geral de resistência (Said, 1995).

A colonização é radicalmente fruto do processo de submissão de povos através da força bruta. A submissão extrapola os limites físicos para ideológicos e culturais. É um processo em que seres humanos, que se consideram superiores, submetem outros seres humanos às condições animais de sobrevivência com o propósito de subjugar e explorar povos e nações.

O colonialismo não se contenta apenas em manter um povo em suas garras e em esvaziar o cérebro do nativo de qualquer forma e conteúdo. Por uma espécie de lógica perversa,

ele se volta para o passado do povo, e o distorce, o desfigura e o destrói (Yearts, apud Said, Edward W. Cultura e imperialismo, 1995).

O processo de colonização impõe muito mais que uma usurpação do patrimônio nacional da nação subjugada. Por uma necessidade de imposição do processo de exploração acaba por impor uma situação de dominação ideológica que passa pela destruição dos valores culturais da sociedade dominada. Em última instância, significa subtrair a “nacionalidade” numa perspectiva coletiva, e o “eu”, numa perspectiva individual de cada nação e ser submetidos ao processo de exploração. Trata-se de esvaziar os valores que vinculam os sujeitos explorados dos significados de pátria, de nação, de perda dos valores que os identifiquem enquanto ser individual e coletivo. É o mesmo que apartar a alma do corpo, fazendo com que o inconsciente do dominado fique esvaziado da condição de “ser”, transformando em uma condição de “coisa”, objeto. O sujeito escravizado não se reconhece como tal, pois o processo de colonização esvaziou-o da condição de ser.

Segundo Mbembe (2001), através dos processos de escravidão, colonização e *apartheid*, o eu africano se torna alienado de si mesmo (divisão do self). Supõe-se que essa separação resulta em uma perda de familiaridade, a ponto de o sujeito, tendo se tornado um estranho para si mesmo, ser relegado a uma forma inanimada de identidade (objetificação). Não apenas o “eu” não é mais reconhecido pelo “outro”, como também não mais se reconhece a si próprio.

A escravidão, a colonização e o *apartheid* são considerados não só como tendo aprisionado o sujeito africano na humilhação, no

desenraizamento e no sofrimento indizível, mas também em uma zona de não-ser e de morte social caracterizada pela negação da dignidade, pelo profundo dano psíquico e pelos tormentos do exílio (Mbembe, 2001).

A questão da colonização em território africano é objeto de muitas discussões e produções de escritores engajados no processo de reconstrução de países da África que foram, por muito tempo, subjugados pelo processo de colonização. Alguns escritores participaram ativamente do processo de descolonização africana e, posteriormente, viveram também a tragédia da guerra civil. Assumiram o compromisso, a partir das reflexões e produções literárias, de participarem do processo de reconstrução dos países africanos e, por conseguinte, da África.

A produção literária de Mia Couto caminha nesta direção. Trata-se de produções literárias que, a seu modo, buscam resgatar o conteúdo do sofrimento da vida no solo moçambicano para, a partir daí, ressignificar a trajetória de luta e resistência de uma população, que busca também reconstituir-se enquanto povo e enquanto nação. Para Mia Couto, esse caminho passa necessariamente por um reencontro com a história, com os valores, hábitos e costumes. Trata-se do reencontro com a vida e coma história de vida que a colonização usurpou ao impor uma história trágica de colonização, de uma guerra de libertação e depois de sucessivas guerras civis. O trabalho de Mia Couto traz o [...] “o desejo africano de se conhecer a si mesmo, de reconquistar seu destino (soberania) e de pertencer a si mesmo no mundo de autonomia” (Mbembe, 2001).

Nesse caminho, *Nas Águas do Tempo* retrata o momento pós-guerra e a percepção da necessidade de busca de reconstrução

de um espaço da África que sofreu os processos violentos da colonização e das guerras, a partir da realidade moçambicana. Mia Couto retorna à tradição como uma das matizes de reconstituição do “eu individual” e do “eu coletivo”. Um povo que foi subjugado pelo processo de colonização, que teve seus valores individuais e coletivos aviltados, precisa se reconstituir, e a reconstituição passa necessariamente por uma volta ao passado e às tradições, como uma necessidade de reconhecimento e de restabelecimento da história: a história usurpada pelo colonizador.

Na verdade, o sentimento é de que existe um lapso histórico, como que se o povo africano tivesse passado por um período de dormência (colonização) e que agora precisa ser reconstituído.

Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno concho. Ele remava, devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. O barquinho cabecinhava, onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado.

- Mas vocês vão aonde?

Era a afição da minha mãe. O velho sorria. Os dentes, nele, eram um artigo. Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem.

Entrávamos no barquinho, nossos pés pareciam bater na barriga de um tambor. A canoa solavanqueava, ensonada. Antes de partir, o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia uma agulha com sua mão em concha. **E eu lhe imitava.**

No entanto, **era ele quem me conduzia**, um passo à frente de mim. (Couto, 2012, p. 9. Grifos nosso).

O texto acima, extraído de *Nas Águas do Tempo*, aponta para um retorno às tradições, a partir da relação dos personagens: avô, neto e avó. Mais do que uma relação familiar, é a volta

de uma tradição onde o núcleo do processo se ancora no idoso, pessoa de conhecimento e responsável pelo processo educativo e de formação de uma geração à outra. Presente também o papel da mulher, forte, segura, responsável pelos cuidados domésticos e dos “miúdos”. Trata-se, na verdade, de um reencontro com as relações sociais outrora estabelecidas em uma África molestada pela ambição colonizadora. Para uma África sem referência, a busca da tradição e da ancestralidade torna-se necessária.

Para o autor, a perspectiva da reconstrução moçambicana passa pela relação entre o velho e o novo, representada no conto na relação metafórica entre avô/neto, bem como, na figura de uma mulher que precisa ser forte, visto que as tragédias de guerra, ao desconfigurarem as relações tradicionais da família moçambicana, historicamente ancorada na figura masculina e na relação com o campo, agora exige uma mulher forte, corajosa, que se desloca, por força de uma nova configuração: de Moçambique para a cidade, tendo que assumir, além do papel de mulher e mãe que a tradição lhe concedera, o de provedora, como uma necessidade da modernidade.

No que diz respeito à tradição, o ponto de partida é a afirmação de que os africanos têm uma cultura autêntica que lhes confere um eu particular irreduzível ao de qualquer outro grupo. A negação de deste eu e desta autenticidade seria, assim, por si mesma, uma mutilação. Com base nesta singularidade, supõe-se que a África reinvente sua relação consigo mesma e com o mundo para pertencer a si mesma e escapar das obscuras regiões e do opaco mundo as quais a história a tem confinado. (Mbembe, 2001).

Nessa perspectiva, o retorno à tradição torna-se uma

necessidade no processo de reconstrução de uma identidade da África, entendido aqui, como países com particularidades e especificidades, bem como, da reconstituição do “eu” que fora desfigurado pelo processo de colonização, e, nesse ponto, o conto do autor moçambicano diferencia-se do antológico “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa (1994), diferenças das quais falaremos rapidamente. Na narrativa roseana, a relação entre as gerações também é trabalhada em uma bela metáfora e a presença de símbolos como o barco e a água se fazem presentes. Embora as personagens brasileiras sejam pai e filho, os narradores se assemelham, não somente na linguagem, mas também na perspectiva, ambos assumem a primeira pessoa. Enquanto A terceira margem do rio começa com “nosso pai”, o narrado de Nas águas do tempo refere-se a “meu avô” - é instigante pensarmos que as tradições de África são mais antigas, remontam ao berço da humanidade.

Outra diferença que gostaríamos de destacar entre as duas obras, de forma a corroborar nossa afirmação inicial, é a reação das personagens femininas, ambas mães dos narradores. A mãe do narrador do conto brasileiro fica “vergonhosa” e acaba por ir morar com uma das filhas, deixando para trás seu marido, no rio. A mãe do narrador africano não.

Entretanto, o final, a forma como os narradores se portaram diante do “aceno” do lenço é que mais os diferencia. O narrador de Guimarães Rosa, embora tenha acompanhado o processo todo de seu pai, embora tenha reconhecido que este tinha um propósito, e mesmo tendo planejado a sucessão, não teve coragem de dar continuidade à guarda silenciosa: “por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num

procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte do além” (Rosa, 1994, p. 413). Após fugir, motivado pelo medo, pede perdão, mas nunca mais ouve falar de seu pai. Finaliza a narrativa “pedindo, pedindo, pedindo um perdão” (Rosa, 1994, p. 413) e “que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras” (Rosa, 1994, p. 413).

Já o narrador-neto, depois de acompanhar seu avô e ouvi-lo dizer “Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos” (Couto, 2012, p. 16), pôde afirmar:

Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. Fiquei indeciso, barafundado. Enquanto, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poetaram as visões (Couto, 2012, p. 14).

Enquanto parece ter havido uma aprendizagem tardia no conto de Rosa, importa ressaltar o papel educativo presente na metafórica relação entre avô e neto na narrativa de Couto. Historicamente, os processos educativos estão e fazem parte do contexto das relações sociais de cada povo, país, nação ou comunidade, ou ainda, qualquer outro tipo de educação que se possa imaginar.

Educação é o processo por meio do qual um membro da espécie humana, incapaz, desprovido dos instintos e das capacidades que lhe permitem sobreviver rapidamente sozinho se apropria, graças à mediação dos adultos, de um patrimônio humano de saberes, práticas,

formas subjetividade, obras. Essa apropriação lhe permite se tornar, ao mesmo tempo e no mesmo movimento um ser humano, membro de uma sociedade e de uma comunidade, em um indivíduo singular, absolutamente original. A educação é, assim, um triplo processo de humanização, de socialização e de singularização. Esse triplo processo é possível apenas mediante a apropriação de um patrimônio humano. Isso quer dizer educação é cultura, em três sentidos que podem ser dissociados (Charlot, 2000 apud Libâneo, 2010).

Conforme apontado por Mbembe (2001), os povos africanos, em suas relações sociais, estabelecem laços culturais autóctones, particulares, autênticos, estendidas aos seus processos educativos. A relação avô/neto é pedagógica, acentuando um processo educativo que se dá na relação do mais velho com o mais novo, com característica fundamentada na oralidade, o que simboliza os povos africanos. Assim, a reconstituição de processos educativos com traços de modernidade deve considerar a realidade dos contextos africanos, agregando elementos da oralidade e da particularidade dos vários idiomas e línguas sob pena em, não havendo as devidas percepções e ponderações, colocar-se como mais um instrumento de divisão e de subjugação daqueles que procuram superar os traumas da colonização e do pós-guerra. É na África e na diversidade de seu povo, não em outro país ou continente, que está a materialização da utopia do novo, presente em *Nas Águas do Tempo*.

A minha primeira língua é o chope. O chope fala-se em Gaza e também em Inhambane. Eu nasci em Gaza, o meu pai e minha mãe falam a mesma língua. Entretanto saímos de Manjacaze e viemos para os subúrbios da cidade de Maputo, onde se fala ronga. E cresci

no subúrbio. Quando começo a ir para a escola, tenho o primeiro contacto com o português. O meu pai é muito radical, sim: ele nunca permitiu que se falasse português em casa. Não aceitava. Ele considerava que nós tínhamos obrigação de conhecer a nossa própria língua. Agora, a língua de comunicação, de progresso, isso é lá fora, porque, em casa, não deve ser assim.

Bem, em casa, falava chope. Com as amigas, na rua, nos subúrbios de Maputo, tinha que falar o ronga; na escola, comecei a ter contactos com a língua portuguesa e falava com muita dificuldade. E porque estudei numa escola missionária católica, era obrigada a ir para a igreja, católica, quando as missas eram em latim!

Até fazer a minha escola primária toda, foram quatro anos: fui à missa todos os dias, mas ainda hoje não sei o que é que o padre dizia! Mas era interessante, pois nós memorizávamos tudo e dizíamos tudo! Não sei se o padre pensava que nós sabíamos, que entendíamos. De fato, foi esse o ambiente de línguas em que eu vivi (Laban, 2006).

No recorte da obra de Laban evidencia-se a diversidade africana, no caso específico, nos processos da língua, elemento fundamental de constituição identitária de um povo ou nação. Por essa razão, surge a necessidade da consideração da realidade africana nos processos de análise, de crítica e de formatação de práticas sociais, entre elas, da cultura e educação, que possuem, por sua natureza, um nível de diversidade e complexidade muito mais acentuada. As raízes da tradição e da ancestralidade, como pano de fundo no estabelecimento das relações com o mundo moderno, tornam-se uma necessidade no processo de reinvenção das relações na África.

Os elementos míticos, as crenças e elementos de religiosidade constantes no conto, por um lado, expressam a base

cultural e social do povo moçambicano e, por outro lado, denuncia o eurocentrismo que, na ânsia da vã dominação e exploração, impunham o cristianismo como dogma de fé, sem considerar os aspectos culturais, míticos, as crenças e as manifestações religiosas daquele povo. A rigor, a dominação e a exploração não consideraram nada, senão a ânsia de subjugar e explorar.

[...] o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia uma agulha com sua mão em concha. O velho, excitado, acenava. Tirava seu pano vermelho e agitava-o com decisão. A quem acenava ele? Talvez era a ninguém. Nunca, nem por instante, vislumbrei por ali alma deste ou de outro mundo.

O namwetxo moha era o fantasma que surgia à noite, feito só de metades: um olho, uma perna, um braço.

Dizem: o primeiro homem nasceu de uma dessas canas.

De repente, meu avô retirou o seu pano do barco e começou a agitá-lo sobre a cabeça.

- cumprimenta também, você!

Olhei a margem e não vi ninguém. Então, deu-se o espantável: subitamente, deixámos de ser puxados para o fundo. O remoinho que nos abismava se desfez em imediata calmaria.

Voltámos ao barco e respirámos os alívios gerais (Couto, 2012, p. 10, 11 e 12).

A África retratada pela literatura através dos versos, prosas, contos, músicas, artes e outras manifestações literárias constitui-se em uma diversidade de manifestações religiosas, míticas e crenças. Assim, como possui uma diversidade de etnias que, historicamente, compôs aquele povo é, por conseguinte, espaço de uma diversidade de manifestações culturais afetas à sua diversa e complexa estrutura social. Não considerar essa realidade como fizeram os processos colonizadores é esvaziar a alma popular da sua cultura e história. Assim, além de denunciar

essa violência histórica cometida contra os povos africanos e, por conseguinte, moçambicanos, Mia Couto novamente retoma o passado e suas relações para dar vida ao presente e para encetar o futuro.

Nesse caminho, ancorado na volta ao passado e na ancestralidade como instrumento de reconstituição da memória do povo moçambicano e do seu cotidiano, que reclama e luta pela vida, a metáfora do barco que desce as águas é a vida presente na África que teimosamente se manifesta, apesar da caótica realidade de um pós-guerra. É um apelo pela vida que se manifesta no conto, e que está presente na luta cotidiana de homens e mulheres moçambicanas que não abrem mão da vida.

Assim como há sinais de violência e morte marcadas pela dureza da colonização e da dualidade de guerras, que estão presentes na alma do povo moçambicano, simbolizadas no lenço vermelho que balança como um sinal de morte, há também a luta de um povo pela vida, expressa na resistência contra a colonização, na resistência contra a guerra civil, na luta do povo pela constituição de uma nação destrozada pela colonização e pela guerra, mas que tem sede de vida. É a luta cotidiana das mulheres africanas e moçambicanas que tiveram que se adaptar em contextos vários e diferenciados de suas origens, mas que também resistem e que têm sede de vida.

Essa luta pela vida expressa no conto de Mia Couto que busca no passado e na ancestralidade a reconstituição histórica e o reconhecimento individual e coletivo do “eu” africano e moçambicano, mostra-nos também que, assim como a contradição morte/vida presente no conto e no cotidiano do povo, tradição e modernidade são elementos presentes em um mesmo contexto. A necessidade de volta à tradição não significa a morte da

modernidade, isto porque, para uma nação que viveu e vive sobre a sombra da morte, a reconquista da vida é a razão da existência. Nesse caso, a modernidade está no contexto atual e no cotidiano, presente na vida, que faz e fará parte da existência daquele povo.

Para Mia Couto, apesar do antagonismo tradição e modernidade, contradição que está presente e faz parte da dialética da existência humana, não são inconciliáveis, devendo necessariamente conviver em simbiose no contexto de efervescência da luta pela vida.

O autor não despreza as incertezas e dificuldades da dureza da vida como ela é na África. Assim, o risco de colocar o pé no chão, o risco de colocar o pé fora do barquinho, é o risco de viver, principalmente, de viver na África com suas contradições e conflitos.

“O avô pisava os interditos territórios? Sim, frente ao meu espanto, ele seguia em passo sabido. A canoa ficou balançando, em desequilíbrio com meu peso ímpar” (Couto, 2012, p. 13). Não se percebe prenúncio de vida fácil, mas a necessidade de equilibrar-se em uma realidade ainda violenta, por forças de todas as violências sofridas. Trata-se de uma realidade não determinada, mas em construção, onde a vida brota e o porvir está presente nas atitudes individuais e coletivas de uma nação que, na dureza da vida, aprendeu a lutar por ela.

Presenciei o velho a alongar-se com a discrição de uma nuvem. Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho, na margem da miragem. Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepioso. Me recordo de ver uma garça de enorme brancura atravessar o céu. Parecia uma seta traspassando os flancos da tarde, fazendo sangrar todo o firmamento. Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras do meu velho avô: a água e o tempo são irmãos

gêmeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos da outra margem (Couto, 2012, p. 13-14).

O tempo, a água, o barco, o vermelho o branco são metáforas da vida utilizadas pelo autor para exprimir o contexto da luta e resistência de uma nação que, na sombra da morte, teimosamente fez e faz a opção pela vida. O distanciamento do velho avô indo embora (provavelmente pela morte) e o retorno do “miúdo” para casa, exprimem a continuidade da vida na África; fundamentada através da ancestralidade e da tradição, no reencontro com a história e com a africanidade presentes em cada “eu”, que se consolida numa dimensão coletiva representa o moderno, ou seja, a contemporaneidade que a vida na África e em qualquer lugar do mundo requer. “E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer” (Couto, 2012, p. 24). É a vida que, historicamente, fez a África sobreviver e se multiplicar enquanto povo e nação, desafiando cotidianamente a morte e resistindo às intempéries que a vida impõe.

Assim, para Mia Couto, África é sinônimo de vida.

Considerações finais

A análise de Mia Couto é um olhar do oprimido sobre a África, necessário para o processo de reconstituição dos valores culturais, sociais e de autoestima de um povo. Com certeza, não é olhar do colonizador, que esmagou e explorou uma nação que será base para reconstituição, isto porque, “os povos colonizados foram, como analisa ainda Lúcia Guerra, privados “de su propia Historia y de las historias que modelizan su propia experiência”

(Padilha, 2012, p. 121). A crítica ao colonialismo, a crítica à guerra civil, a busca de uma identidade de afirmação de uma nação e a necessidade da reconstrução moçambicana, dão o tom da literatura moçambicana na construção literária e nos escritos de Mia Couto, particularmente no conto *Nas Águas do Tempo*.

Muito mais que a questão estética, que é uma sensata preocupação da construção literária, e que está presente no conto, o autor mira sua análise na semântica, empurrando-nos para compreender a África a partir da sua trajetória histórica, em contexto de guerras e reconstruções, bem como, da busca de identidade de nação e povo. Assim, desde o início até o final, o texto, além de trazer aspectos importantes da ancestralidade e do passado como elementos de reconstituição de aspectos históricos, sociais e culturais perdidos, em função do processo de colonização, que a todo custo buscou apagar a memória de uma nação e de um continente, tem compromisso com a vida em movimento, usando de metáforas como água traduzida em sinônimo de vida; do barquinho que se movimenta, como o constante movimento da vida; do vermelho e do branco. Metaforicamente também se colocam na relação morte (de uma África devassada e assombrada por guerras) e vida (de uma resistência desde o processo de colonização à necessidade de uma nova reconstrução a partir dos paradigmas passado presente, tradição e modernidade).

O texto em sua essência, trata-se de um apelo à vida, apelo esse presente na luta e na vida cotidiana de uma população que busca se reconstituir, e que tem na literatura um importante instrumento de análise e percepção do passado, de uma premente necessidade de vida presente e de uma perspectiva futura. Nesse caminho, *Nas Águas do Tempo* é vigoroso e se transformou em vida num contexto de caos. Em princípio, uma importante

característica do referido conto é a necessidade de manter a tradição como um elemento histórico constituinte da nação africana – uma resistência ao modernismo.

Referências

COUTO, Mia. **Nas águas do tempo**. In: COUTO, Mia. Estórias abensonhadas. São Paulo: Companhia de Letras, 2012, p. 9-14.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LABAN, Michel. **A questão dos empréstimos através das literaturas africanas de língua portuguesa**. 2006. Disponível em: http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=232:a-questao-dos-emprestimos-atraves-das-literaturas-africanas-de-lingua-portuguesa&catid=75:nd-6-litteratures-africaines-de-langue-portugaise&Itemid=55. Acesso em: 18 dez. 2015, p. 16-41.

LIBÂNIO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na Educação**. 2010, p. 16-27. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T1SF/Akiko/03.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2015.

MARGARIDO, Alfredo. **Das várias maneiras de ver e de não ver a colonização**. Lisboa: Telles da Silva, 1980.

MBEMBE, Achilles. **As formas africanas de auto-inscrição**. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2001000100007&script=sci_arttext. Acessado em: 18 dez. 2015, 13-38.

PADILHA, Laura Cavalcante Padilha. Dois olhares e uma guerra. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. (OnLine), 68. 2004. Disponível em: URL: <http://rccs.revues.org/1087>; DOI:10.4000/rccs.1087. Acessado em: 01 out. 2012.

ROSA, João Guimarães. **A terceira margem do rio**. In: ROSA, João Guimarães. Ficção completa: Volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

SAID, Edward Wadie. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.